

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Nordeste brasileiro. Razão e sensibilidade.

Carla Torres Cavalcanti do Nascimento.

Cita:

Carla Torres Cavalcanti do Nascimento (2009). *Nordeste brasileiro. Razão e sensibilidade. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2194>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/XK5>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Nordeste brasileiro

Razão e sensibilidade

Carla Torres Cavalcanti do Nascimento¹

Introdução

Este trabalho se inscreve num campo reflexivo de problematização da construção do Brasil enquanto Nação, num processo de rupturas que levou a constituição de uma Questão Regional Nordeste enquanto questão de caráter nacional. O paradigma industrial de desenvolvimento, um Estado empreendedor e planejador, a decadência das oligarquias agrárias do Nordeste, a agudização do quadro de desigualdades intra e inter-regionais e o fortalecimento do movimento social das Ligas Camponesas são algumas características da Questão Regional Nordeste. No plano cultural, o movimento cultural do Cinema Novo, que se organizou em oposição ao esquema industrial da produção cinematográfica desenvolvida em São Paulo nos primeiros anos da década de 50 (RAMOS, 1996), e que propunha a superação da dependência brasileira em relação à produção dita “imperialista”, através da produção nacional de baixo custo e de caráter alternativo, imprimindo uma transformação de conteúdo na arte do cinema, que o fizesse mais comprometido com o quadro social do país

Nesta época, como em qualquer época, imagens/idéias em torno do que seria Nordeste/nordestino foram construídas. É nosso objetivo estudar dois discursos que tomaram parte na construção dos Nordeste e nordestinos no Brasil: 1) o semanário *Novos Rumos*, realizado

¹ Jornalista, especialista em Planejamento Urbano pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (UFRJ) e atualmente mestranda da mesma instituição – carlanascimento@hotmail.com.

pelo Partido Comunista Brasileiro a partir de 1959, e 2) o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, dirigido em 1963 por Glauber Rocha, no âmbito do Cinema Novo. Tanto o discurso jornalístico, como o discurso cinematográfico acima citados fizeram parte de um processo de embates e rupturas, que acabaram por acionar o regionalismo no qual Nordeste se constituiu numa questão de Estado, ou seja, uma questão nacional, assumida como objeto de discursos específicos, que estavam imersos em interesses diversos, entre eles os relacionados à questão agrária. Ambos os discursos são territorializantes, produtores de diferentes “identidade/territorialidades Nordeste/nordestinos”, apesar de não deixarem de assumir como pressuposto um espaço já recortado e inventado ao longo dos tempos. São discursos que “nordestam”, ou seja, constroem *Nordestes e nordestinos* a partir de práticas sociais que os inventam, moldam e sustentam - práticas sociais que assumem diversos caracteres - econômico, político, cultural. Segundo Albuquerque, A imagem Nordeste seria uma construção iniciada em tempos anteriores e que não pretende esgotar-se numa idéia definitiva:

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área (ALBUQUERQUE, 1999:68).

Neste trabalho, o cinema é compreendido como linguagem audiovisual singular, que transcende o caráter instrumental e de simples meio de representação, sendo uma atividade de criação e expressão de idéias e, como tal, constitui-se enquanto campo analítico, propositivo e enunciativo, tanto quanto o são as produções literárias, jornalísticas e científicas.

Também o que se entende por identidade e território aqui, se localiza no tempo e no espaço, não são conceitos representacionais, mas “simulacros discursivos, na medida em que se entende que essa positivação epistemológica – nem essencialista, nem idealista – coloca em destaque o papel do sujeito no campo do embate das formulações sobre o mundo (ARAÚJO, 2005:5)”. A todo território, então, corresponde uma territorialidade, ou seja, um referencial simbólico que não existe na forma concreta e é fruto de processos constantes de *territorialização*, em relação com os demais objetos no mundo. Este trabalho, portanto, defende a desnaturalização dos processos de construção do Nordeste enquanto região, e também do sentido atribuído ao nordestino, propondo a problematização de sua invenção no campo discursivo.

Não pretendemos encontrar o sentido de um “Nordeste real”, muito menos verificar a correspondência entre representação e realidade, mas investigar, em meio a luta pelo poder que se dava naquele período histórico, quais Nordeste/nordestinos se encontravam e se enfrentavam naquela época.

Deus e o Diabo na Terra do Sol é visto em *dialogismo*² com o jornal *Novos Rumos*, e nos chama a atenção para elementos que não são da ordem do racionalismo planificador e racional sobre o cenário político-social da época.

2.2 Manoeis, Sebastiãos, Satanás...

Em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Manoel é um vaqueiro como outro qualquer, um sertanejo que tem a vida simples, marcada pelo trabalho junto à terra, também cuidando das cabeças de gado de seu patrão. Rosa, sua esposa, trabalha nos afazeres da casa, junto à mãe de Manoel. Este casal vive sob as formas mais arcaicas de vida, ilhados na imensidão do sertão, por uma vegetação seca e rasteira, sob um céu estourado de luz e calor. Comem a farinha com as mãos, sentados no chão do casebre onde vivem, e tudo o que possuem é um equipamento rústico de moer macaxeira, o que parece ser seu único sustento.



Ao discutir com o coronel para quem trabalhava, pois este não lhe queria pagar o combinado, Manoel o mata, a raivosos golpes de facão. A cena de enfrentamento entre um camponês e um patrão, entre um trabalhador rural humilhado e um coronel arrogante, dono de vacas, terras e gente, é o ponto de partida ao conhecimento de um universo desigual, místico, desequilibrado, violento, fantástico e revolucionário que é o *Nordeste DDTs*³.

² A metodologia de referência utilizada a essa interpretação é a *Hermenêutica Dialógica* (cf. Araujo, Barros Filho, Guedes, Guelman, Nogueira e Petrus, 2007).

³ *Nordeste DDTs* quer dizer o Nordeste construído pelo discurso *Deus e o diabo na Terra do sol*.



O vaqueiro fugitivo abandona sua casa com a mulher, em busca da salvação de suas vidas. Desamparado e cego pela angústia e desejo de mudança, Manoel se entrega, de corpo e alma, primeiramente, ao misticismo religioso, representado na personagem do beato Sebastião, o “deus negro”, que promete um mundo melhor aos camponeses, um lugar onde o “leite sairá das pedras”. O vaqueiro é tomado por diversos momentos de transe e delírio, em que pratica o auto flagelo, penitências, e até mesmo o sacrifício de um bebê, em meio a um surto de fé religiosa que invade seu corpo e sua mente, convicto que estava em sua utopia, de busca pela salvação. Dizia o beato Sebastião aos seus fiéis:

Do outro lado deste monte santo, existe uma terra onde tudo é verde. Os cavalo comendo as flor e os menino bebendo as água na beira do rio. Os homens comem o pó feito de terra, e poeira vira farinha. Tem água e comida, tem a fartura do céu... [...] As tropas do Governo perseguiram os inocentes, com suas balas da injustiça. É preciso mostrar aos donos da terra o poder e a força do santo.

A personagem Antônio das Mortes é um matador de aluguel contratado pela Igreja e políticos locais para assassinar o beato Sebastião e todos os seus seguidores, por ameaçarem a ordem local. Quando chega a Monte Santo, encontra o beato já morto, mas executa o restante do serviço, poupando a vida apenas de Rosa e Manoel. Desiludido com a experiência religiosa, Manoel se junta ao pequeno grupo de Corisco - cangaceiro sobrevivente do ataque em que morreram seu parceiro, Lampião - e é batizado com o nome de *Satanás*. Dizia Corisco: “É o gigante da maldade comendo o povo para engordar o Governo da República. Mas São Jorge me emprestou a lança dele pra matar o gigante da maldade. Aqui o meu fuzil pra não deixar pobre morrer de fome”. Satanás passa a viver junto com este grupo e, ainda motivado por um violento desejo de transformação, começa a tomar parte em roubos e assassinatos.



Manoel junto ao beato Sebastião



Com o cangaceiro Corisco, agora como Satanás

DDTS abriga uma carga política forte e, de maneira ambígua, exteriorizada sob a forma de profecias apocalípticas religiosas e rompantes de violência extrema, constrói Manuel/Satanás, o nordestino submetido, não só às dificuldades naturais do meio ambiente, mas também ao chicote do coronel e tudo o que está por trás, ou ao lado disso, minando suas esperanças de, algum dia, conseguir comprar um pedaço de terra e sobreviver dignamente. Nordeste é, antes de mais nada, um caldeirão explosivo, lugar de conflito entre coronéis e Manoéis. Se bem o filme constrói um Nordeste atrasado e pobre, de pés descalços sobre a terra rachada, não o faz sem dar nome aos donos do boi, da terra e das vidas naquele lugar, atribuindo a todos os seus personagens místicos um senso crítico.

Novos Rumos chega à mesma construção do Nordeste árido e pobre, lugar de seca e escassez, de miséria e, até certo nível, de desinformação. No entanto, este *Nordeste NR*⁴ que também é fruto de relações arcaicas de vida e do atraso do latifúndio, é espaço de revolução, rumo à reforma agrária e à industrialização.

⁴ *Nordeste NR* quer dizer a idéia de Nordeste construída pelo discurso *Novos Rumos*.



Fome e dor

A miséria e as condições de vida no Nordeste levam milhares e milhares de habitantes da região ao desespero. A fome e a dor rondam o lar do sertanejo: a morte está sempre presente.

Novos Rumos - matéria de 20/5/1960. “A miséria e as condições de vida no Nordeste levam milhares e milhares de habitantes da região ao desespero. A fome e a dor rondam o lar do sertanejo: a morte está sempre presente”.

CUNVERSA DI CAMPONÊIS

(Bolação de Zé Tavêra, dedicada a Zé Praxedes, o poeta vaqueiro)

O qui não pode é eu só
ou eu i tu, nós sôzinho,
arrecramã do patrão,
Pedi mais um bucadinho

O, lavradô do Brasil
precisa se arreuni
prá arreservê todos junto
o qu'êles qué conseguí

Nóis temo qui nos uni,
môdi vê si a coisa muda
i si aparece um gunvêrno
qui possa nos dá ajuda

O guvêrno qui ta aí
é coisa só dos patrão,
qui se a gente num cuida,
ôtro gunvêrno farão,
gunvêrno qui só defende
o interêsse dos qui tam,
deixando nós na pobreza
sem tê siqué um vintém

Nóis temo qui reagi
i um grande broco forma
môdi botá no gunvêrno
um home bem populá,
um home qui comprienda
a nossa situação
i qui quêra nos livrá
da mardita iscrovidão

— Tu acha qui a gente pod.
assim da noite pro dia
reservê tudo di veiz
i té carta di aforria?

— Nóis temo qui cumeç
a nossa revolução
reclamando legarmente
contra a negra servidão

A sorte ninguém nos dá...
A sorte a gente é qui faz.

Si fô se ficá parado,
cada veiz vai mais pra traz .

Basta de mêia, de têrça,
de adividi co patrão
o qui se pranta i se cois
— Qui vamo fazê antão?

— E' se deixá di sê bêsta,
fazê cumu na cidade,
i comça izirgindo
o nosso da otôricidade

Nossos irmão operário
trabaia i ganha é dinhéro:
num vêve assim cumu gente,
iscravo do fazendeiro

Êles tem seus sindicato
donde faz as reunião
prá reservê i pedi
milhonia pro patrão.

A gente tem di luta
pra conseguí de um tudo.
Num pense qui cai do céu,
ficando parado i mudo

Nóis tem qui cortá as unha
di tôdas as exploração,
inté ganha essas terra
qui diz na Constituição.

I quando isso vinhe
quando isso assucevê,
ai então, sô cumpadre,
ai então vai se vê:

Os operário das fabrica,
os diplomata, os dotô,
os homes aqui do campo
gente di tôda a cô,
trabalhando tudo alegre,
tudo farto i bem feliz
I o Brasil, vêio di guerra
ornado um grande país.

Novos Rumos – 20/1/1959.

O *Nordestino NR* não é apenas o vaqueiro do semi-árido, é também o operário da cidade e o trabalhador camponês da faixa úmida. Enquanto a transformação do *nordestino DDTs* se dá pelo processo da sua experiência com as místicas contradições de “Deus” e do “Diabo” (que nesta película não necessariamente representam bem e mal), num processo desorientado de fé e sofrimento, o *nordestino NR* é um coletivo que, dentro da visão marxista, inicia o processo de transição de classe em si à classe para si, através da revolução legal e organizada principalmente sob

a forma das Ligas Camponesas e das coligações heterogêneas. Não há dúvidas de que este processo é praticamente liderado pelas teses marxistas e pelo Partido Comunista Brasileiro – o PCB. O *Nordestino NR* é um coletivo materializado nas Ligas, enquanto o *nordestino DDTs* é salvação e justiça urgentes, pela cruz ou pelo punhal, numa transformação em que o elemento irracional da fé parece ser indispensável. Ele transborda força e fé por aquilo que acredita, explode em violência e amor, junto a Deus e ao Diabo⁵.

O *Nordeste NR* vai de encontro ao *DDTs*, pois enxerga esse *Nordeste DDTs* como espaço de irracionalidade, desordem e ilegalidade, onde as tradições religiosas e a violência do banditismo parecem materializações de um lado passional e irracional, em boa parte responsável por todo o atraso de uma nação, e que parecem não fazer parte do paradigma do desenvolvimento industrial da época, propagado desde os tempo de Getúlio. *DDTs*, por sua vez, “protesta” sobre este novo paradigma da racionalidade, na medida em que constrói um Nordeste lugar de conflito político exteriorizado na radicalidade da crise, da fé e da violência, lugar em que as dimensões do messianismo e do cangaceirismo são praticamente necessárias à transformação do homem como ser irracional e crente, radicalidade esta expressa numa câmara na mão, em planos longos e elípticos e num quadro estourado em luz.

A inspiração na literatura de cordel está presente nos textos que introduzem cenas cruciais da narrativa em *DDTs*, como por exemplo quando Manoel abandona sua casa para seguir o beato, ou quando ele se junta ao grupo de cangaceiros, em nova tentativa de ver sua vida mudar: “Mas a história continua, / preste mais atenção: / andou Manoel e Rosa/ nas vereda do sertão,/ até que um dia,/ pelo sim, pelo não,/ entrou na vida deles/ Corisco, diabo de Lampião”. Apontando para a esperança e para o despertar de uma nova ação, a voz em *off* do cantador tem, acima de tudo a função de fazer deste filme uma grande fábula, que vai nos contar uma história de sofrimento, provação e sacrifício. O cantador recita os versos que são musicados por ritmos do sertão, o que nos sugere a imagem de um Nordeste tradição: “Procurando pelo sertão/ todo mês de fevereiro/ o dragão da maldade/ contra o santo guerreiro./ Procura Antônio das Mortes!”.

⁵ Rosa, mulher de Manuel, expressa bem os extremos a que o limite da condição humana é capaz. É ela quem mata o beato Sebastião, quando este sacrifica um bebê em ritual religioso e, mais adiante, se entrega ao cangaceiro Corisco, em rompantes de amor e ódio que não permitem explicação.



A cena, que termina com Corisco destruindo um piano a golpes de rifle, recebe a música de Vila Lobos e é emblemática da linguagem poética e, muitas vezes, surrealista, desta película, que aciona um inconsciente coletivo desorientado, em estado de crise e delírio, totalmente entregue às mais diversas manifestações instintivas e emocionais. Enquanto o *NR* organiza assembléias gerais e articulações sociais heterogêneas, *DDTS* explode em desabafo urgente, banhado a sonho e extrema violência.

Manoel de *DDTS* desconhece as assembléias das Ligas Camponesas e quer apenas um pedaço de terra pra construir uma casa e plantar seu sustento. Está longe de ser um sujeito equilibrado e planejado enquanto membro de um coletivo politicamente organizado. No entanto, cada guinada em sua vida é precedida por forte questionamento sobre o *status quo*. Ele questiona primeiro se a Lei serve apenas para beneficiar o coronel. Depois, se pergunta se é certo lavar a alma dos homens com o sangue dos inocentes e, por fim, manifesta sua opinião a Corisco: “Só se pode fazer justiça no derramamento de sangue?”. É um camponês rude e inocente, mas observador e questionador.

Não é a toa que, *DDTS* encerra sua história em aberto, após o fim dos líderes rebeldes Sebastião e Corisco, com a imagem dos *nordestinos* *DDTS* correndo desesperadamente pelo imenso sertão. Eles correm não se sabe pra onde... Logo adiante, Rosa cai no chão, e Manoel simplesmente segue correndo. Manoel corre pra onde? Para as fábricas da cidade? Para São Paulo ou Rio de Janeiro? Para as assembléias das Ligas? Não se sabe, só sabemos que ele corre de forma incansável. A câmera nos deixa ver o que há por perto: uma imensidão de águas em movimentos vigorosos, o mar. Diz a canção ao final:

O sertão vai virar mar/ O mar virar sertão!/ Ta contada a minha história, Verdade e imaginação./ Espero que o sinhô/ tenha tirado uma lição: / que assim mal dividido/ esse mundo anda errado,/ que a terra é do homem, / não é de Deus nem do diabo.

Eis um final que pode representar a grande esperança do discurso Novos Rumos, na regeneração do camponês Manoel. Quem sabe Manoel não caminha para as Ligas e descobre a força do homem na organização deste movimento que o espera?



Referências

- ALBUQUERQUE, Junior Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ARAUJO, F. G. B. e outros (2007). *Para 'compreender' o discurso: uma proposição metodológica de inspiração bakhtiniana*. Mimeo. GPMC/IPPUR/UFRJ. Trabalho apresentado na Sessão Livre "Epistemologias e Metodologias para o Discurso Território", realizada durante o XII Encontro Nacional da ANPUR, acontecido em Belém (PA), 2007.
- JULIÃO, Francisco. *Que são as Ligas Camponesas?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- NEMER, Sílvia. *Glauber Rocha e a Literatura de Cordel: uma relação intertextual*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2007.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, nordeste, planejamento e conflitos de classes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PCB: vinte anos de política – 1958/1979. *A questão Social no Brasil*. Livraria Editora Ciências Humanas: São Paulo, 1980.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- VIANY, Alex. *O Processo do Cinema Novo*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.
- BENTES, Ivana. *Terra de Fome e Sonho: o paraíso material de Glauber Rocha*, 2008. retirado da internet em 01/10/2008, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bentes-ivana-glauber-rocha.html>.
- **Filmografia**
- *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (Glauber Rocha, 1963).